

Angelo Passos

Jornalista, escreve às sextas-feiras neste espaço

/// A excessiva dependência de commodities causou em setembro o maior déficit da balança comercial do país para o mês, desde 1998: US\$ 939 milhões

O naufrágio no exterior

O desempenho do Brasil no comércio internacional em setembro foi desastroso. A balança apresentou déficit de US\$ 939 milhões, o maior para o mês desde 1998. No acumulado de 2014, o resultado é negativo em US\$ 690 milhões.

Um buraco cuja dimensão não era atingida há 16 anos chama a atenção, é lógico, mas se fosse acidente de percurso não preocuparia tanto. Infelizmente, não é. Resulta de graves limitações competitivas.

A dependência brasileira de commodities está crescendo em ritmo mais rápido do que antes, e isso ocorre em momento desfavorável, por três motivos: um, porque os preços desses produtos estão baixos, em função do excesso de oferta; outro, é que a China, notável importadora de itens primários e de bens de baixa intensidade tecnológica, já não cresce como há até poucos anos; um terceiro fator é que a re-



cuperação da economia global não está bem sincronizada. A Alemanha dá alguns soluços, refletindo fragilidade na Europa – cenário que deve permanecer em 2015. O Brasil não está preparado para mais essa dificuldade.

O grande naufrágio da balança em setembro deve-se principalmente à queda das receitas de milho em grão, soja em grão, minério de ferro, farelo de soja e petróleo em bruto. Já os embarques de manufaturados recuaram 8% na comparação com o mesmo mês do ano anterior, segundo números do governo. O custo é o maior entrave à venda.

Produtos básicos representam mais de 50% das exportações do país, conforme dados da Secex (Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento). Em 2013, o minério de ferro foi o

item mais importante da pauta dos embarques, com peso de 12,9% das vendas totais. Neste ano, perdeu o cetro para a soja em grão.

Analistas de mercado falam em “fim do superciclo das commodities”. Isso soa como alerta ao Brasil. É preciso agir rápido para salvar a balança comercial, de indiscutível importância para o crescimento do país. Para o Espírito Santo, vale 50% do PIB.

Antonio José Ferreira Abikair

É advogado e procurador do Estado

/// Em Vitória, o povo quer mudança. Mas, sem planejamento e liderança forte, não há quebra dos paradigmas de gestão. Estamos num barco à deriva

Queremos liderança

Quando o povo pede mudança e vota no que acredita ser a mudança, não significa que a busca é simplesmente por uma gestão diferente, o que se quer, de fato, é eficiência. A promessa de se fazer o que nenhum outro ainda fez não se torna efetiva porque um prefeito gosta de usar redes sociais para falar com a população. Existe uma grande diferença entre gestão compartilhada e bate-papo.

Um processo de gestão que funcione e traga como benefício a consolidação da cidadania e o desenvolvimento socioeconômico, há de ser pautado em planejamento e em uma linha clara de decisão e de controle. Nele, um representante eleito consegue atender à sociedade, pois sabe atribuir peso certo a opiniões individuais, abrindo canais importantes de diálogos comunitários, como assembleias e reuniões públicas, e mostrando, com liderança, a importância da escolha de certas ações para o bem-estar coletivo.

Em Vitória, o povo quer mudança. Mas, sem planejamento e liderança forte, não há quebra dos paradigmas de gestão. Estamos em um barco à deriva, indo por onde o vento soprar. A cada marola levantada nas redes sociais, ou nas man-

chetes de jornais, um novo rumo é tomado. Isso é o que chamam de “gestão compartilhada”, o prefeito da cidade “muda” de ideia todo dia. E tome mudança!

O reflexo pode ser sentido na queda de 14,7% na receita do município no último ano, como bem aponta a Revista Finanças dos Municípios Capixabas 2014. Aliás, veículo gerido pelo próprio secretário de Finanças dessa “gestão compartilhada”. Em percentual, é a terceira maior perda de receita. Além disso, em se tratando de montante, o recuo de R\$ 236,2 milhões, que é o maior. A capital perdeu mais do que o município de Guarapari arrecada no total.

A publicação lista uma retração de R\$ 31,2 milhões em ISS; maior perda de ICMS do Estado, com menos R\$ 68,2 milhões nos cofres da capital; queda de 10,4% nos repasses do FPM; contração no recebível de dívida ativa de R\$ 2,9 milhões; um corte na Educação de R\$ 20,5 milhões e redução de 50,2% nos investimentos.

E, para os que acham que o povo se seduz com mensagens bonitas no “zap zap”, basta acompanhar a queda no índice de aprovação do atual prefeito. Pesquisa recente de o jornal A GAZETA afirma que para 51,4%, a gestão é regular. O percentual dos que avaliam o trabalho do prefeito Luciano Rezende (PPS), como ruim ou péssimo, atingiu 19,9%. Para 61,8% dos ouvidos pelo Instituto Futura, autor da pesquisa, algumas coisas em Vitória não vão mudar. Digo, não vai melhorar, porque mudar, isso depende do clima nas redes sociais.

João Luiz Tovar

É empresário

/// Há um projeto muito simples para as seis faixas na via sem necessidade de alargamento da plataforma

A Terceira Ponte não precisa de puxadinho

Recentemente foi divulgado neste jornal que a Terceira Ponte poderá vir a ter uma terceira faixa de rolamento; é o que anuncia o comitê que estuda medidas para desafogar o trânsito na Grande Vitória. A terceira faixa seria implantada pela manhã – das 6h30 às 9h – no sentido Vila Velha-Vitória e, à tarde – das 16h30 às 19h – no sentido contrário.

As prefeituras dos dois municípios se responsabilizariam pela criação de fai-

xas reversíveis e sinalizações em algumas ruas, além de disponibilizar agentes para orientar o trânsito no entorno da Praça do Pedágio (em Vitória) e nas vias de acesso. Essas providências permitiriam aos veículos trafegarem na contramão da Terceira Ponte nesses horários. À Rodosol caberia a responsabilidade da sinalização, montagem e desmontagem das faixas reversíveis da ponte, utilizando cones.

Essas medidas, se forem implementadas, poderiam até desafogar o trânsito caótico da ponte, especialmente nos horários de pico. No entanto, os transtornos que irão causar, principalmente em algumas ruas e avenidas de Vila Velha, serão inevitáveis.

O comitê que estuda esse assunto poderia analisar uma alternativa que me parece mais adequada: a retirada da mediana de concreto para ganho do espaço necessário para a quinta faixa de rolamento com divisórias em tachões, e reversível. Na chegada a Vila Velha, até a saída na Rua Inácio Higino e guarita sul, seria feita a cobertura do canal para implantação da quinta faixa. Essa obra, além de simples, representa a primeira etapa de um projeto maior que consiste

em fazer com que a Terceira Ponte tenha seis faixas de tráfego.

A segunda etapa seria executada em seguida, com a retirada das muretas laterais, substituindo-as por uma estrutura de aço. Existe um projeto muito simples para as seis faixas na Terceira Ponte, do conhecimento da Rodosol e também do governo do Estado, sem necessidade de alargamento da plataforma da ponte. Essas obras têm um custo baixo, podendo a primeira etapa ser iniciada de imediato. Solução similar foi adotada na Ponte Rio-Niterói, que passou de seis para oito faixas.

Não devíamos fazer um “puxadinho” na Terceira Ponte e sim executar um projeto plenamente viável que possibilita aumentar, efetivamente o número de faixas de tráfego.